

CRUCINA, DE JOSÉ DE MESQUITA

CRUCINA BY JOSÉ DE MESQUITA

Yasmin Jamil Nadaf¹

RESUMO: Pesquisa e transcrição de *Crucina* (*Ensaio sobre a mística do sofrimento*), do escritor mato-grossense José de Mesquita, publicado em série no jornal católico *A Cruz*, de Cuiabá, em 1935. Escritor e intelectual profícuo, Mesquita deixou uma obra extensa e variada, nela reverberando um perfil conservador de mulher, e cujo modelo, pelo que se lê no citado Ensaio, espelhou-se em sua mãe Maria de Cerqueira Caldas. Cruzamentos genealógicos e dados históricos nos permitiram descortinar em *Crucina*, a heroína do texto, a verdadeira identidade da mãe biológica do autor.

Palavras-chave: José de Mesquita. Perfil de Mulher. Literatura, História. Biografia Mato-Grossense.

ABSTRACT. *Crucina's research and transcription* (Essay about the mystique of suffering), written by the mato-grossense writer José de Mesquita, published in series in the catholic newspaper *The Cross*, from Cuiabá, 1935. A valuable writer and an intellectual, Mesquita has left a varied and extensive production, reverberating in it the conservative profile of the woman and this model, as found in this essay, was based on his mother Maria de Cerqueira Caldas. Genealogical crossings and historical data allowed us to reveal in *Crucina*, the heroine of the text, the real identity of the author's biological mother.

Keywords: José de Mesquita. Woman's Profile. Literature. History. Mato-grossense biography.

1 Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Unesp, com Pós-Doutorado em Literatura Comparada, pela UFRJ. Publicou: *Sob o signo de uma flor. Estudo de "A Violeta", publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - 1916 a 1950* (1993); *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso - séculos XIX e XX* (2002); *Diálogo da escrita. Alagoanos na imprensa de Mato Grosso* (2003); *Presença de mulher: ensaios* (2004); *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX* (2006) e *Estudos literários em livros, jornais e revistas* (2009). yasminnadaf@terra.com.br. Site: www.yasminnadaf.com.br

SANTA FAMILIAR E MODELO DE MULHER

No período em que realizamos nossas pesquisas para o desenvolvimento da tese de doutorado, defendida em 2001 na Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis, em um estudo, posteriormente impresso em livro com o título de *Rodapé das miscelâneas: O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, localizamos centenas de escritos – contos, crônicas, romances e ensaios publicados no folhetim da imprensa de Mato Grosso.

No afã do desenvolvimento da tese, alguns desses escritos foram reservados para uma leitura futura, em virtude dos seus aspectos curiosos e intrigantes. Dentre eles, situamos *Crucina (Ensaio sobre a mística do sofrimento)*, do escritor mato-grossense José de Mesquita*; um ensaio publicado em série no jornal católico *A Cruz*, de Cuiabá, no período que compreendeu os meses de março a julho de 1935.

Esse autor foi um dos responsáveis pelo maior volume da produção literária no Estado na 1ª metade do século XX e começo da 2ª metade do mesmo século, diversificando sua escrita entre crônicas históricas e folhetinescas, contos, poemas e romances, além de ensaios sobre temas diversos. Do ponto de vista estético, sua escrita ficcional distribuiu-se entre duas vertentes principais: uma, presa à forma e temas do Romantismo; outra, inovadora, no estilo do Realismo regionalista do final do século XIX, posto em voga pelos expoentes Valdomiro Silveira e Afonso Arinos. Nesta segunda forma discursiva, a expressão dos valores conservadores mesclou-se aos relatos do presente e do passado transpostos oralmente de geração a geração, enfatizando-se o tradicionalismo dos costumes, lendas, crendices e tipos populares. Acompanham a divulgação desses temas o registro da paisagem, hábitos, festejos e linguajar local.

Com o aumento dos estudos sobre a literatura produzida em Mato Grosso nas unidades acadêmicas e com destaque para as análises em torno da obra desse autor, sentimos que era chegada a hora de nos debruçarmos sobre este texto, porque nele vislumbramos, desde a primeira leitura, informações relevantes para a compreensão de um tema de destaque em sua obra: o perfil feminino de excelência que Mesquita desenhou às suas personagens.

O referido Ensaio narra a vida de Crucina, de 1872, ano de seu nascimento, até 1922, ano de sua morte. Uma trajetória marcada pelo sofrimento e resignação através de sua fé imperativa a Deus; a perda dos pais; a transferência, ainda criança, para a casa do tio paterno; o curto casamento em virtude da morte do esposo vítima da *influenza* e as tristezas experimentadas no segundo casamento.

Instigou-nos sobremaneira a proximidade do autor com a história dessa personagem, que deixou pistas de que se tratava de alguém que fazia parte de seu convívio familiar. Seguindo essa linha de investigação e de posse das datas de nascimentos, mortes, referências parentais entre os personagens narrados, fomos descortinando essa teia até, finalmente, decifrarmos a verdadeira identidade de Crucina. Neste ponto, lembramos que Mesquita, salvo raras exceções, suprimiu nomes e sobrenomes dos personagens em torno de sua heroína, dificultando a descoberta de sua verdadeira identidade.

Anos de pesquisa se passaram, cruzamos datas e dados históricos citados no Ensaio com informações presentes nos estudos genealógicos de famílias mato-grossenses (vide texto abaixo), até concluirmos que Crucina é a mãe do próprio autor: senhora Maria de Cerqueira Caldas.

Se hoje trazemos à tona essa revelação não é com intuito de estimular intrigas, e sim acrescentar dados à compreensão da obra de José de Mesquita, uma vez que o perfil de sua mãe percorrerá, tal como uma sombra insistente, as demais figuras femininas que ele criou. Oportuno aqui registrarmos que se o autor temesse uma exposição, de caráter público, da triste história familiar experimentada por sua mãe, ele certamente não teria publicado o seu texto em um jornal – espaço aberto a leituras múltiplas feitas por leitores diferenciados.

De posse da história de Crucina (ou senhora Maria de Cerqueira Caldas), entendemos o perfil de excelência eleito para as mulheres que compõem a galeria de Mesquita. As suas Marias, como ele as batizou: Maria das Graças e Maria do Amparo, da novela inédita *Graça*, publicada em capítulos no jornal *A Cruz*, de 1932 a 1950, e Maria da Piedade, do romance *Piedade*, que veio à luz em 1937, entre outras; bem como o ideal a ser praticado por essas mulheres no espaço doméstico e público, voltado à propagação e defesa de princípios conservadores morais, sociais e religioso cristão.

A própria escolha desses nomes é um indicativo da similaridade de suas personagens com o retrato de sua mãe, igualmente batizada com o nome de Maria: Maria, a eterna mãe, o embrião, senhora e soberana; Graça, a graça divina; Amparo, a sustentação e Piedade, a devoção a Deus.

Em *O livro dos nomes* (1986), Regina Obata assim informa sobre a origem e o significado desses nomes: *Maria*: do hebraico *Myriam*, para o qual existem cerca de setenta interpretações. As mais conhecidas derivam o nome do hebraico *Marah*, “contumaz”, ou “a que tem amargura”; ou do egípcio *Mrym*, “amada de Amón” ou “amada de Deus”; ou, ainda, do semítico, significando “senhora, soberana”.

O uso do nome era raro até a Idade Média devido a tabus religiosos semelhantes aos existentes com relação a *Cristo* ou *Jesus*. Atualmente, é um dos nomes mais populares em inúmeros países. No Brasil, é adotado com muita frequência, principalmente combinado com outros nomes (p. 136). *Graça*: do latim *Gratus*, “grato, agradável”, referindo-se ao valor teológico da graça divina ou favor divino. É um nome cristão de invocação a Nossa Senhora das Graças, originando a forma mais usada, *Maria da Graça*. É também derivado do latim *Gratia*, usado para traduzir o grego *Cháris*, de onde deriva *Carites* (equivalente a *Graças*), que, na mitologia grega, é o nome das deusas da graça, da beleza e da alegria de viver (p. 95). *Amparo*: do latim *Manuparare*, “dar a mão” ou “proteger, amparar”. É um nome popular na Espanha e países de língua espanhola (p. 27). E *Piedade*: do latim *Pietas*, “sentido do dever” e, por extensão, “devoção a Deus”. É um nome cristão que se refere a um dos atributos da Virgem Maria, Nossa Senhora da Piedade (ou das Dores) (p. 160).

Para Mesquita, coube à mulher a missão de salvar a humanidade dos seus males e orientar o mundo para a salvação. De posse desse princípio, construiu seus perfis femininos dotados de excessiva moralidade, humanismo e cristianismo, somados aos seus esperados desdobramentos, entre eles o amor ao próximo, a caridade, a simplicidade, a fé, a bondade e a crença e esperança na prática e no triunfo do Bem. Criou uma série de mulheres paradoxalmente fortes, preparadas para cumprir a missão de regeneradora do homem e dóceis, dotadas de mil virtudes, entre elas o recato, a bondade, a submissão, a simplicidade, o amor altruísta e o fervor religioso.

Associada à exposição dessa imagem positiva de mulher, o autor proclamou-se em defesa do amor, do casamento e da religião de Cristo. Valores que, segundo ele, despertam e ensinam sobre a benevolência, a tolerância mútua, o perdão, a caridade, a luz interior, a fé que a tudo conquista e supera, a confiança, a renúncia entre outros sentimentos imprescindíveis à humanidade. Contrariamente, criticou com severidade a vida social contemporânea, frívola e corrupta; a acumulação de bens materiais e a invasão crescente do modernismo nivelador de gostos e tendências de modos e costumes.

No romance *Piedade*, encontramos Maria da Piedade que, dentre as mulheres do conjunto ficcional de Mesquita, mais se assemelha a Crucina (ou senhora Maria de Cerqueira Caldas), pois renuncia à vida mundana em virtude do amor a Deus e ao próximo. Este romance, diga-se de passagem, corporifica ainda a sucessão de tristezas e tra-

gédias familiares presentes na vida de Crucina, com destaque para as mortes por epidemias e crises de insanidade no seu núcleo familiar.

Para reforçar sua preferência por esse modelo de mulher, o escritor desenhou mulheres frívolas e infiéis, inserindo dentro dessa galeria a personagem Corá, de um conto homônimo, que trai o marido ausente com o próprio sogro, sendo por este castigada. Corá morre enquanto dormia vítima de uma pancada fatal na cabeça (golpe que é necessário para matar o anfíbio que lhe dá o nome), reforçando a imagem da mulher-serpente para quem a morte é a única saída.

Nas pegadas das virtudes maternas, José de Mesquita viveu para servir a Deus e ao próximo, nas mais variadas esferas em que atuou: cultural, jurídica, política, religiosa etc. No tocante à religião, terreno onde sua mãe serviu amiúde, ele participou da Liga do Bom Jesus e da Conferência Vicentina Homônima, de Cuiabá, tendo presidido a ambas. Tamanha foi a sua dedicação à ação católica que recebeu do Papa Pio XI a Comenda da Ordem de São Silvestre, em 1933.

A seguir, *Crucina (Ensaio sobre a mística do sofrimento)*, na íntegra e em primeira mão.

CRUCINA

(ENSAIO SOBRE A MÍSTICA DO SOFRIMENTO)

José de Mesquita

Considera cruz tudo o que o mundo estima e aprecia e aquilo que o mundo haja como cruz ama-o com todas as véras da tua alma (São Bernardo)

Combien nous pàrait plus grande, plus enviable et surtout plus vraie la resignación à la douleur, l'inalterable paix du chretien au pied de la croix qu'il embrasse. (Apologie scientifique de la foi chrétienne)

DEDICA E PREÂMBULO

Quer Deus, nos altos desígnios da sua Providência, que, em cada família, em cada comunidade, se erija, na memória, quando não na presença dos mais, uma criatura singularmente fadada a ser, no seio daquele grupo humano, um como refletor ou, melhor, condensador do sofrimento. E como na dor é que existe, sem razão de dúvida, a marca incontestada das preferências do Alto, – isso desde as noções da teogonia mais primitiva – é claro que nesse ser privilegiado se há de encontrar um verdadeiro nume doméstico, em que, mais do que paradigma e estímulo, os seus terão, pela vida afora, um custodiador dos males e um intermediário das graças divinas.

Entre nós, foste tu, a quem sob o nome de Crucina busco reviver nestas laudas, a destinada a exercer esse papel relevante de acumular, na jornada da vida, todas as mágoas e tristezas, angústias e padeceres, qual si, no processo grego da “catarsis”, te coubesse o insigne privilégio de purificadora da tua gente, sofrendo, sozinha, em tantos anos e tão intensamente, para que, no gozo estéril ou na álgida apatia, outros dispersem inutilmente a sua capacidade de emoção.

Eis porque, minha Santa Familiar, me arrisco, já que é isso para mim um dever, a recontar aos teus netos, na mais singela das narrativas, o que foi teu viver, tua efêmera passagem, tão curta e tão cheia de tribulações, para que, em lhes sendo a existência amarga e dura, se lembrem de ti, e achem na tua resignação, no teu apego à cruz e total renúncia dos bens terrenos, o grande exemplo cristão de uma vida votada ao sofrimento e à prece e decorrida entre o labor e a caridade.

Passamos uma hora das mais sérias da Humanidade: o arcabouço das instituições sociais parece atingido, do alto abaixo, por um vendaval destruidor, por uma fúria ciclônica e devastadora. Todas as forças do mal se arregimentam para a luta decisiva, que já se não fará por meios platônicos ou doutrinários, mas pela formidável ação dos petroleiros e pela subversão das massas, que começam a quebrar todos os freios tradicionais da disciplina.

Teorias sedutoras, bem que falazes, abrem aos olhos dos desafortunados sem fé (e por isso mesmo mais inditosos) horizontes de um paraíso novo em que “todos serão iguais” e no qual a “propriedade será partilhada”, a “família se formará e dissolverá à mercê do puro instinto” e será “abolido esse estúpido conceito da Divindade, ópio com que os burgueses iludem os proletários.”

Como no Éden, a serpe acena à linhagem de Eva, frágil como aquela de quem proveio com o edulo pomo proibido: *in quocumque*

*die comederitis ex eo, operientur oculi vestri: et erilis sicut dii, scientes bonum et malum.*²

Em momentos que taes, costuma Deus suscitar, no seu plano providencial, certos homens privilegiados, quer se chamem Constantino ou Carlos Magno, Domingos de Gusmão ou Francisco de Assis, Bento de Núrcia ou Bernardo de Claraval, Teresa d'Ávila ou Teresinha de Jesus.

São os marcos que assinalam as “épocas” históricas, no sentido que a esta acepção emprestou o grande bispo de Meaux, isto é, o de uma fase assinalada por “qualquer grande evento ao qual tudo mais se relaciona”.³

Longe de tal pretensão, o que visa este ensaio em que a biografia entressacha com a doutrina, é apenas apontar aos sequiosos de um pouco de vida espiritual uma fonte pura e serena em que possam abeberar o seu espírito e aos perturbados pela febre do prazer, das grandezas, e das divícias, um paradigma de desprendimento, de humildade e de pobreza voluntária, que, em meio deste mundo cupido e insaciável, onde a própria religião se tornou para muitos mero diletantismo ou jogo de amadores, se traçou e realizou um programa de ação que se pode condensar nas palavras profundas do dominico Gillet: *La souffrance n'a pas de valeur en soi. Elle tire sa valeur des sentiments qui la font accepter, sentiments d'expiation, de justification, d'amour.*⁴

Quando o sofrimento é apontado às massas como uma indignidade, e se ensina que é preciso “viver a sua vida”, embora subvertendo todos os valores morais; agora que os apóstolos de um novo credo inculcam aos deslegados da sorte que é preciso gozar o bem passageiro, porque o resto, que se não vê, é como se não existisse; neste instante da História, que se pode dizer a “hora h” das transformações sociais (pois ninguém contesta que elas têm de vir, num ou noutra sentido...) – não será inoportuno, nem mesmo inócua, apontar aos que sofrem injustamente, à legião dos que padecem, mas ainda crêem, o exemplo edificante de uma vida, que pode ter à justa, como epílogo, cenotáfio ou o que melhor o seja, a palavra eterna do Mestre que não passa: *Beati, qui lugent quoniam ipsi consolabuntur.*⁵

2 Tanto que comeres desse fruto, abrir-se-vos-ão os olhos: e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal. (*Gênesis III, 5*).

3 Bossuet, *Discurso sobre a história universal*.

4 Em nada vale, por si mesmo, o sofrer. O seu mérito decorre dos sentimentos que no-lo fazem aceitar, sentimentos de expiação, de justificação, de amor (M.S. Gillet, *La doctrine de vie*).

5 Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Mateus V, 5.

I – SOMBRIO AMANHECER

Idade não há que se compare à infância, nos prazeres despreocupados, nos brincos encantadores que, no seu fluir de água serena e cantante, lhe encham, dia por dia, os anos fugitivos.

Por isso mesmo que a colmou dos seus melhores dons, e fez dela Deus a aurora deliciosa da vida, maior desdita se não pode imaginar do que uma meninice tristonha e infortunada, que fica sendo, assim, uma como alvorada penumbrosa e lúgubre, de dia invernal e melancólico.

Que dizer-se, então, de uma puerícia que se tolda de começo com os negros de dupla orfandade, abrindo-se, mesta e desolada, com a perda desses anjos tutelares, que são os pais, mestres e guias dos passos incertos com que iniciamos o jornadeio pela existência?

Que imaginar-se, pois, da primeiridade que, ao invés de se expandir em álacres gorjeios, se embota e murcha, qual rosa semi-fanada em botão, a que falta ar e sol que lhe dêem vigor e colorido?

Que pensar, portanto, desse amanhecer sombrio, que é o crescer em lar estranho, sem poder sequer evocar, mais tarde, as doçuras fagueiras da casa paterna, senão com a penosa sensação de uma felicidade perdida no cedo e de um sol que nem bem raiava logo o toldaram nuvens de luto e de tempestade? Tal é o caso de Crucina, daquela cuja vida esboçam estas laudas e que, pela existência afora, sempre recordaria as imagens do lar com aquela mesma “*maggior dolore*” que o divo Poeta põe na boca da sofredora de Rimini. Nascida a 9 de junho de 1872, [Data do nascimento de Maria de Cerqueira Caldas, mãe de José de Mesquita] havia apenas completado 50 meses, quando, a 9 de setembro de 1876, [Data do falecimento de Regina Senhorinha Gaudie Ley, mãe de Maria de Cerqueira Caldas e avó materna de José de Mesquita] se orfanou de mãe, falecida em plena mocidade, aos 28 anos, deixando cinco filhinhos, dos quais o último com um dia de nascido. Crucina era a segunda, e todas meninas, com exceção do derradeiro. O seu pai não mais se casou, sendo aquela a sua segunda viuvez. Do primeiro leito, entretanto, não lhe ficara rebento algum.

Com a morte inesperada da esposa, entraram-lhe de correr mal os negócios, cheios de tropeços, agravados pelo penoso estado d'alma, a braços com aquelas cinco criancinhas, das quais a mais velha mal inteirara um lustro de vida. De tal sorte o tocou, fundo e rijo, aquele golpe da perda improvisa da companheira meiga do seu lar, que a chaga incicatrizável acabou por vitimá-lo cinco anos depois. A 6 de outubro de 1881, [Data do falecimento do capitão João Cerqueira Caldas, pai de Maria de Cerqueira Caldas e avô materno de José de

Mesquita] o pai de Crucina, no fastígio da existência, em pleno vigor da maturidade, sucumbiu vitimado por um aceso cardíaco, que o prostrou, fulminado, na sala da sua própria residência, no Largo da Matriz, quando tomava uma xícara de café, após o jantar.

Era o coração, o órgão afetivo por excelência, o “pendulo universal dos ritmos”, no dizer de Raul Pompéia, que se partia assim, inopinadamente, como uma lira de cordas muito tensas, que, cansada de vibrar, se rompe, no meio da harmonia melancólica do ocaso.

Contavam os de casa que nesse dia ele ainda trabalhara sem repouso, havendo, como num pressentimento, feito a renovação de todo o sortimento de roupas e calçados das crianças, mandando, da sua própria loja, grande quantidade de mercadorias para aprovisionamento da casa. Desabava com ele o último esteio daquele lar, que cinco anos antes já se vira privado da assistência desvelada do amor materno. Na mesma noite que se seguiu ao enterro, eram os cinco órfãosinhos levados para a casa de um dos seus tios paternos – o irmão mais velho dos Cerqueiras – que lhes deveria servir de tutor e completar-lhes a criação. Começava Crucina, aos nove anos, a experimentar o travo das angústias, que é o exílio do lar, posto fosse para outro lar amigo, mas que não teria nunca aquele mesmo encanto incomparável e insubstituível da casa paterna.

Era bem o raiar de um dia escuro e friorento, de um desses amanheceres de junho, com que soe, por vezes, a natureza, nos entristecer, logo ao despertar: dia que para Crucina seria cheio de dores e incertezas, durante cerca de cinquenta anos de peregrinação pelas paragens inóspitas, que somente a luz divina da fé e o perfume sobrenatural da resignação confortariam.

II – NO LAR ESTRANHO

Se a meninice, com o abrir das primeiras clareiras da razão, se caracterizou para a pequena Crucina pela perda dos desvelos maternos, às vésperas róseas do adolescer lhe vieram abrir, com a morte do pai querido, as portas de um lar alheio, fechando-lhe para todo sempre as da casa natal.

Nove para dez anos tinha quando, com seus quatro irmãos, cujas idades oscilavam entre os onze da mais velha e os cinco do caçulinha, foi levada para o lar senhorial do seu tio, abastado titular e prestigioso chefe político da época.

A casa, vasta e confortável, frenteava a praça onde Alencastro, então no governo, acabava de construir o Jardim que lhe herdou o nome. Lado a lado da Catedral, em ponto magnífico, possuía uma

fidalgia instalação que não havia comparar-se ao modesto, embora confortável, ambiente da casa do Largo da Sé, onde Crucina vira decorrer a primeira década da sua existência. O tio Antonio, [O capitão João Cerqueira Caldas, pai de Maria de Cerqueira Caldas e avô materno de José de Mesquita, tinha um irmão por nome de Antonio de Cerqueira Caldas - o Barão do Diamantino] opulento, e figura de grande projeção social, tinha a sobredourar-lhe o nome e os haveres, a ascendência heráldica que lhe vinha de Gaudies, Navarros e Albuquerque, com um costado popular, mas não menos prestigioso, que era o dos Poupinos. Outorgara-lhe a munificência imperial, em 1871, o baronato do Diamantino, com que vira agraciados os serviços que prestou à Coroa e ao Partido Conservador, cujo chefe era e continuou a ser até quase o seu falecimento. Não se supunha, entretanto, que aquela instantânea e quase completa mudança de cenários, com a conseqüente transformação de hábitos que determinaria, houvesse, de qualquer maneira, compensado no espírito e no coroamento da órfazinha Crucina o grande e duplo golpe com que a ferira o destino, logo ao entrar da vida. O Barão, já viúvo pela segunda vez, tinha em sua companhia, além de numerosa famulagem, alguns dos filhos do primeiro casal e a filha única do seu segundo tálamo, então de cinco anos. Crucina e seus irmãozinhos representavam a segunda turma de sobrinhos que ele recolhia ao seu lar, assumindo-lhes, com a administração dos bens, os encargos da educação. Foram, antes, os filhos da sua irmã Antonia, vitimada pela epidemia das bexigas, em 1867, já viúva do 1º Tenente da Armada Antonio Joaquim Ferreira Ramos – cinco meninas, que todas ele fez casar, uma delas com seu filho, doutor Viriato de Cerqueira Caldas. A casa do Barão era uma das primeiras daquele tempo, e, na recolhida vida provinciana, daquela última década imperial, estadeava discreto luxo, sem ostentação, e apreciável conforto.

Frequentavam-lhe os salões os melhores elementos da sociedade contemporânea, e era uma espécie de centro mundano e político, onde se tramavam planos partidários, nos intervalos dos lanceiros e das partidas de truco ou de gamão.

Das recordações mais sensíveis desse lapso de tempo – dez anos que ali viveu, de 1881 a 1891 – costumava Crucina evocar, com maior relevo, as figuras curiosas de *máma* Luzia, amada última filha do Barão, a da *madama*, a governanta, francesa, de nome Louise, que lhe ensinou a doce língua de Racine e um pouco de música. Outro perfil inesquecido, é o da velha parenta Umbelina, solteirona, que vivia em companhia do primo Barão. A vida correu-lhe pacífica e

mansa, nesses anos que se dividiram entre a escola da mestra Corsina e o convívio dos parentes. Não se recompõe um cristal partido, nem jamais se refaz a felicidade que, uma vez, se desfez. Mas, certamente, que a atmosfera tranquila do lar estranho, mas amigo, se não era a da absoluta expansão e confiança da casa paterna, ressentia-se ao menos de um cunho familiar e pacífico que a bonomia do velho tio servia de amenizar e tornar menos vazia.

A irmã mais velha, Ana, pouco lhes fez companhia: aos doze anos casava-se, para, viúva com pouco mais de treze, volver ao asilo da sua orfandade. Tristes presságios para o coração terno e sensível da que se lhe seguia em idade e cujo destino tamanha afinidade teria com o da irmã maior! Dois lutos sucessivos viriam, com pouco, sombrejar aquela casa onde vivia Crucina: – em 1885, morria André Paulino, e, em 1887, Evaristo, seus primos, filhos do Barão, rapazes já em plena pujança da vida. Pouco após, inopinadamente, cai, morta, no terreiro onde lavava roupa, a velha e estimada *mamá*. Novo golpe, mais fundo, a morte do cunhado, Serra, em 1887, seguida de perto da enfermidade do tio, longa e penosa, da qual não deveria mais restabelecer-se. Crucina fez-se-lhe a enfermeira solícita e dedicada, pois a irmã mais velha, já viúva e com uma filhinha, e as duas mais novas, sem prática de tais misteres, saíam, muitas vezes, em busca de diversões, tão naturalmente do gosto, da sua idade, e deixavam-na sozinha, na tarefa em que se lhe começou a acrisolar o nobre espírito de caridade, que mais tarde seria a sua característica na vida.

III – NINHO EFÊMERO

Do alheio lar, em que viu decorrerem os anos mais belos da vida, Crucina saiu, a 17 de maio de 1891, para o seu próprio lar, constituído por um casamento que parecia abrir-lhe os horizontes de uma vida nova, pacífica e feliz. O esposo, que a sorte lhe depa-rou, conquanto mais velho que ela quase vinte anos, reunia todas as condições para proporcionar-lhe uma invejável existência conjugal. Homem de bem, rijo caráter, formado na escola da adversidade, pois também ele se orfanara de pai aos cinco anos, havia chegado, à força de operosidade tenaz e honesta, a fazer regular pecúlio, representado em casas de aluguel, que lhe assegurava uma situação de abundância e conforto. Carinhoso e bom vivera até então para a sua velha mãe e estremecidas irmãs, em número de três, todas solteiras, que havia trazido de Diamantino. [José Barnabé de Mesquita (Sênior), pai de José de Mesquita, nasceu na vila de Diamantino em 07/03/1855, ficou órfão de pai ainda adolescente e tomou para si à tarefa de cuidar

da mãe, Maria Rita de Mesquita, e das tias maternas Isabel Perpétua, Ana e Daria] Freqüentador da casa do Barão, ali conheceu Crucina, a cuja modéstia, meiguice e índole bondosa logo se rendeu, fazendo dela sua prometida. Tudo levava a antever para aquelas duas criaturas um porvir venturoso, quando se casaram, numa sexta-feira anterior à festa do Espírito Santo, cujo imperador, nesse ano, foi o genro do Barão, doutor Alfredo Jose Vieira.

Relatou-me Crucina, por mais de uma vez, a impressão que lhe causou, no dia das núpcias, a entrada no seu novo lar. – Pareceu-me, não sei explicar porque, um cenário de teatro, um desses palcos muito bonitos que a gente vê, e sabe que aquilo é por alguns momentos, enquanto não desce o pano...

E explicava-me que para isso contribuiu a disposição da casa, com as suas saletas, pequenas e muito bem arranjinhas, forradas de papel de florões, que davam realmente (ainda as alcancei assim) a idéia de uma *mise-en-scene* primorosamente preparada.

E como soaram essas palavras profeticamente, numa lúgubre previsão do que seria a felicidade naquele efêmero ninho de amor, destinado a abrigar dois destinos que se compreenderam, mas cujo convívio suave não ultrapassaria de um ano e pouco, nem ao menos quinze meses!

Efetivamente, aquela deliciosa lua-de-mel, que lhes foi à vida matrimonial, pareceu a Crucina um breve sonho, do qual logo lhe veio o doloroso despertar para a mais pungente das realidades. Parêntesis único de ventura no seu agoniado viver, esses meses representaram para ela uma fantasmagoria passageira, um lucilar de estrela em meio da cerração, um arrular de avezita, em pleno idílio florestal, logo encerrado pela bala insidiosa do caçador, que lhe leva o companheiro... Era bem a miragem de ouro da felicidade, no deserto de sofrimentos da vida de Crucina. Ao cabo de quase dez meses nasceu-lhes o filho – primeiro e único vestígio, que haveria de ficar no mundo, daquela efêmera união, consagrada pelo mais puro dos sentimentos.

Débil e nervosa, de natural compleição franzina, foi-lhe a gestação e a maternidade uma série de penosos sacrifícios. Sofreu muito, para ser feliz, quer dizer, para que pudesse ter nos seus braços o mimoso rebento do seu casto amor conjugal. Com que desvelos e ternuras não se reviam ambos – Crucina e o esposo bem querido – naquele serzinho fragilíssimo, pequenino, que não parecia até trazer sinais de viabilidade!

Era aquele pedacinho de carne, era aquela almazinha, a brilhar dentro daquele ergástulo de argila, o fruto doloroso e abençoado da sua união.

Deus os compensara de tantos revezes que até ai haviam passado, de tantas agruras, com aquela suprema benção que é, para os que sabem entendê-la, a vinda do primeiro filho – elo misterioso que prolonga a vida em novas vidas e santifica o amor, pela fecundidade, num maior amor.

Rápida e fugaz, porém, seria essa imensa satisfação que aquele lar trouxera à chegada do pequeno José. Durou apenas cinco meses – de 10 de março, dia em que veio ao mundo o menino, [10/03/1892 é data do nascimento de José de Mesquita] a 12 de agosto, [12/08/1892 é data do falecimento de José Barnabé de Mesquita (Sênior), pai de José de Mesquita] data em que a fatalidade tremenda arrebatou aquela família mal apenas formada, o seu chefe querido, o mais dedicado dos esposos e o mais amoroso dos pais.

Já combalido de longos trabalhos, abalado no seu sistema nervoso por fatos que vieram enlutar a cidade nesse ano de 1892, o marido de Crucina não resistiu à traiçoeira invasão da *influenza*, epidemia que, sob forma pulmonar, o abateu ao cabo de poucos dias de enfermidade.

E a jovem Crucina, em pleno esplendor dos seus vinte anos mal completos, teve de trocar, quase sem maior demora, os véus brancos do noivado risonho pelo *crepe* desolado da sua viuvez precoce.

Descera, mui depressa, o pano sobre o cenário encantador da sua felicidade.

IV – SOB O VÉU DA VIUVEZ

A vida de Crucina parece repartir-se em períodos, pouco mais, pouco menos, correspondentes à décadas ou dezenas de anos, [Teria sido esse o motivo que levou o autor deste Ensaio a dividi-lo em 10 capítulos, excetuando a abertura intitulada “Dedica ou Preâmbulo”?] sendo para notada a influência curiosa do número 2 na existência da nossa heroína. Nascida em 1872, viveu, cerca de um decênio, na casa paterna, vindo a fazer o seu décimo aniversário, em 1882, já no lar do seu tio e tutor; aí passou igualmente dez anos, saindo para o seu lar, onde, em 1892, enviuvou; mais um lapso decenal durou a sua viuvez, de 1892 a 1902, sendo que, em 1903, convolou a novas núpcias; finalmente, veio a ter, em 1912, uma gravíssima enfermidade, a que quase sucumbiu, vivendo ainda dez anos, até 1922.

Costumava ela dizer que a sua vida se repartia em dezenas de mistérios dolorosos, como no rosário de São Domingos, e assim foi, realmente, e certo até o fim pois, justamente, prestes a findar a quinta dezena, levou-a Deus para o repouso e prêmio a tanto sofrimento.

Sob o crepe da viuvez decorreu-lhe o período da vida que medeia entre os vinte e os trinta anos: quadra em que a poesia e a própria realidade costumam situar os maiores e melhores encantos da chamada “flor da vida”, a mocidade gárrula e louçã.

E como soube, num viver que pode servir de exemplo, ostentar em pleno desbotoar das graças vintaneiras e no meio das naturais seduções do mundo, o seu austero burel da viuvez, numa firmeza e dignidade que não desdourariam a qualquer dessas santas matronas que os agiólogos mencionam sob a honrosa denominação de Viúvas. A própria idade em que lhe cingiu a fronte o manto da viuvez, além da situação financeira relativamente próspera em que ficara, a colocou na situação daquela matrona Ana, de quem nos fala Diogo de Paiva de Andrada que “perdeu seu marido, com que fora mui bem casada, e ficou com muita fazenda, pouca idade, e nenhuns herdeiros” e que, entretanto, conservou, a despeito do muito assédio que lhe fizeram, a sua viduidade.⁶ Crucina bem se lhe poderia aplicar aquele explicativo que o apóstolo São Paulo, em uma das suas Epístolas a Timóteo, usa para designar as viúvas que verdadeiramente o são – *quoe vere viduae sunt* – “aprovada pelo testemunho das boas obras, se educou a seus filhos, se exercitou a hospitalidade, se lavou os pés aos Santos, se acudiu ao alívio dos atribulados, se praticou toda a obra pia.”⁷

Casou-se de novo Crucina, como mais ao diante veremos, pelos motivos que serão expostos, mas se não há de ver nas suas segundas núpcias, realizadas em plena madureza, obra de leviandade ou fantasia, como soem ser os matrimônios de “viuvinhas” que trocam, sorrindo, o chorão negro da véspera pelo véu com que correm ao altar para receber o segundo esposo, quando a lembrança do primeiro ainda nem acabou de esfriar.

Viúva o foi Crucina, perfeita e íntegra, pois tendo sabido recusar partidos que se lhe depararam, alguns acenadores de vantagens, viveu exclusivamente esses dez anos para a saudade do seu marido e o amor do filhinho que lhe ficara, como consolo único em sua prematura viuvez.

Passando a viver com a sogra e as cunhadas, que lhe foram três irmãs dedicadas, e nas quais o seu morgadinho encontrou verdadeiramente três outras mães, [José de Mesquita teve três tias paternas, Isabel, Ana e Daria, sendo que as duas últimas, morreram solteiras e centenárias na casa dele] Crucina compartia o seu tempo, além dos quefazeres domésticos, entre os exercícios de piedade e o culto incessante da memória do extinto.

6 *Casamento perfeito*, Cap. XV.

7 1ª Epíst. a Tim. V, 10 e 16.

Fazia celebrar todos os dias 12 – mês da morte do seu consorte – uma Missa de Réquiem, no cemitério, a que assistia, com o filho. Perpetuou-lhe o jazigo, que recebia, constante, as suas visitas, as preces e as flores do seu comovido culto afetivo. Ao menino, ensinava-lhe a rezar, desde cedo, pela alma do pai, que lhe não fora dado conhecer.

E, no recato da sua vida exemplar, na pureza do seu amor, que continuava a alimentar, qual pira sagrada, a recordação do desaparecido, Crucina viu decorrerem, em meio de uma relativa tranquilidade, esses dez anos de placidez que foram verdadeiro oásis no meio da sua vida tormentosa. Como que dispôs a Providência por tal forma a vida da nossa biografada que, precisamente, nessa fase em que, sozinha, entregue ao seu dolorido reviver da ventura efêmera, é que ela pode gozar de maior calma e serenidade. A sua fé a trazia sempre em união mística e viva com o morto querido, e a própria presença do menino, que ela via crescer em anos e em saúde – fora de começo mui débil e de pouca resistência – lhe era lenimento e derivativo às imensas agruras da viuvez.

Rezava muito, fazia muitas obras de caridade e, numa perfeita comunhão de idéias e sentimentos, formavam aquela bela família cristã, em que o único varão era o pequenino José – polarizador de todos os carinhos das cinco mulheres. A paz, porém, não é deste mundo, e essa calma relativa não tardaria a esvaecer-se como as rosas caducas do outono que uma lufada repentina despeta em breves momentos, 1902 marca uma nova etapa na vida de Crucina. Morre-lhe, em janeiro, a irmã mais velha, já então esposa do seu tio e padrinho de crisma, o depois comendador Aquino. [Ana, irmã de Maria de Cerqueira Caldas, mãe de José de Mesquita, foi casada com Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, pai de Francisco de Aquino Corrêa, conhecido como Dom Aquino Correa, figura proeminente em Mato Grosso]

Um golpe tremendo, pois eram muito unidas e o seu próprio destino parecia que as irmanava ainda mais do que a própria consanguinidade.

Em setembro, novo e tremendo abalo ocasionado pela perda da sogra, boa e estremecida mãe que Deus lhe dera, em lugar da que tão cedo lhe havia tirado. Sucumbia a veneranda anciã aos 72 anos, cercada de todo o carinho dos seus e dos confortos da religião, que, nesses transes, são os únicos que valem. Esses dois profundos reveses, na fruição do sossego daquele viver, deveriam ser seguidos, a breve espaço, por outros, de maiores consequências, que se destinariam a transformar-lhe a existência, em suas duas últimas décadas, no lento martírio em que se operou a completa purificação do seu espírito.

V – SEGUNDAS NÚPCIAS

Não tardou que nova fase, inesperada, se abrisse na existência de Crucina, com perspectiva de um quarto lar, que seria o último e justamente aquele em que mais tempo viveria e maiores provações lhe estariam reservadas. O seu padrinho, compadre e cunhado, que pouco antes enviudara da sua irmã Ana, manifestou-lhe a intenção de à tomar por esposa, e, removidas certas dificuldades que o parentesco espiritual criava, mediante licença especial da Santa Sé, não tardou se prontificasse o casamento dos dois viúvos. O segundo esposo de Crucina era como o primeiro, um homem reto e bom, mas a diversidade de idades, por um lado, e a de temperamentos, por outro, viria criar, dentro em pouco, uma série de casos delicados, não de incompatibilidade, mas de divergências íntimas e morais, que afetariam fundo o melindre e a sensibilidade, já muito posta à prova, da nossa heroína.

Não foi sem certa relutância que Crucina aceitou aquela nova situação que o destino caprichoso lhe deparava: a estima sincera que devotava ao velho padrinho, mesclada de respeito e gratidão, não permitiria, porém, uma recusa, senão que ligeiras objeções, breve desfeitas por pessoas amigas e interessadas em levar avante aquele projeto de união. Assim é que os seus trinta anos em confronto com os sessenta do marido não deixaram de a impressionar, como argumento em contrário, mas isso mesmo se voltava em favor do pretendente, ao fazerem-na ver que era até obra de nobres sentimentos cristãos amparar, no último quartel da vida, sob o manto carinhoso de esposa, mas, na realidade, como uma enfermeira solícita e boa, a velhice digna daquele que lhe fora, com os dois primeiros consórcios, tio e irmão afim.

Tais foram às razões de ordem sentimental, que lhe não tardou o convencer-se, e acedendo ao pedido, ei-los casados, num dia de festa do Espírito Santo, 31 de maio de 1903. Foi o dia assinalado por uma ocorrência que deveria marcar época nos anais da pacata capital de província, qual o início de uma séria divergência ente o Bispo e uma Congregação, provocando rumoroso incidente. Costuma Crucina dizer que aquilo lhe fora de mau prognóstico em sua nova vida conjugal, impressionando-lhe a sensibilidade, dada as ligações afetivas que a prendiam aos chefes dos grupos em dissidência. Casados, passaram ainda cerca de um mês em sua casa da rua Bela, somente transferindo a residência para a do esposo, na rua Nova, a 24 de junho seguinte. Foi após uma festa de São João, na chácara de uma família amiga, que, alta noite, Crucina demandou o seu novo lar – e essa circunstância,

transvestindo aquela mudança de um halo de romântica poesia, foi também, de certa forma, uma atuante poderosa para a formação da crise psíquica prestes a deflagrar na vida de Crucina.

Um fato sem importância aparente começou por impressioná-la à entrada da sua nova moradia – o encontro de um objeto qualquer adrede colocado no corredor e que, no momento, lhe careceu de significado especial, mas veio a torturar-lhe mais tarde o espírito como sendo obra malfazeja de feitiçaria ou coisa que o valha. Seja como for, Crucina narrava, muito depois, nos intervalos das suas crises pungentes, que, *desde o instante em que penetrou o lar em que se erigia o seu segundo toro*, sentiu uma súbita e completa transformação no seu interior.

Pesar, remorso, desilusão? – certo a ninguém jamais seria dado dizer, que ela, no mais íntimo das confidências, nunca o declarou. Desambientação, metamorfose muito rápida, inconformidade com certos novos hábitos – isso, talvez, tenha influenciado, pode se asseverar, na crise que se manifestou em seu espírito. O que foge a qualquer controvérsia e rasai, numa nitidez impressionante, de toda formidável tragédia íntima de Crucina, é que em sua nova existência conjugal, se abriu não um tálamo de paz e de ventura, mas sim, lenta, inexorável e tremenda, a pira do holocausto em que, durante quase vinte anos, com bem poucas interrupções, se lhe iria consumir a existência, numa prova dolorosa que excede as raias do imaginável para atingir o heroísmo sobrenatural dos martírios.

VI – OS ANOS DE HOLOCAUSTO

Acende-se, lenta e inexorável, para Crucina, a pira da expiação e do sacrifício, que deveria devorar-lhe as energias nos últimos vinte anos de vida e de martírio.

Com bem curtos intervalos, essas duas décadas lhe foram uma longa e penosa purificação, um processo doloroso de catarses, em que, através de agonias morais de toda espécie, a alma se lhe apurou em beleza e virtude para se tornar mais perfeita e mais digna de Deus. Mal penetrou o seu novo lar, a moléstia tremenda, insidiosa, imponderável a acomete, em forma inesperada, como se ali a aguardasse, numa invisível sortida do mistério. Foi – dizia-me sempre – ao entrar aquela casa que senti uma súbita tristeza, um mal desconhecido, uma sensação como nunca havia tido, nem nunca imaginei se pudesse experimentar.

Relatando, numa das tréguas que o mal lhe deixava, os seus horríveis padecimentos, Crucina assim se exprime em carta a pessoa muito chegada: *só agora posso lhe dizer que estou boa da grande enfermidade,*

que na aparência não é nada, mas faz sofrer mais do que qualquer moléstia mortal. (1-6-1909).

Em outra missiva esclarece melhor o seu pensamento, dizendo: *Entretanto, parece-me que isto é mesmo uma enfermidade, porque não há motivo para isso, e mesmo que houvesse eu me conformaria, porque recebo todas as coisas como vindas de Deus; tanto o bem como o mal que me envia. Ele sabe muito bem que devo merecer. Há certos momentos em que me cerca uma profunda tristeza, que a mente humana não pode compreender e nem descrever. Só a sombra da morte poderá igualar a esses instantes. (19-9-1912)*

A primeira manifestação da estranha enfermidade lhe veio em 1903, conservando-a sujeita ao seu influxo todo o resto desse e parte do ano seguinte. Com ligeiras alternativas, volta-lhe nova e tremenda crise em 1909, recrudescida em 1912, 1915 e 1920. O que mais a mortifica é a “perturbação”, aquela vaga e indefinível tortura que não a abandona um momento, para a qual não encontra derivativo. *Não há pior moléstia – di-lo ainda em outro passo de seu epistolário, que vale pelo melhor flagrante psicológico – que a da cabeça, creio que é ela o centro da vida, porque quando a cabeça sofre, não se tem vida e tudo é desagradável. Quisera antes a morte, privar-me de ver-te mais uma vez, que sofrer estes horríveis tormentos. (6-7-1909).*

O mal que longos anos lhe comprimiu o cérebro em suas tenazes de angústias inarráveis, era um misto de tristeza, inquietação, ânsias, pavores, íntimas agonias morais, que se não pode nem entender e nem imaginar.

Nessas ocasiões, a própria fé, que era o seu oásis de paz e de consolo, em meio aos mais acerbos padecimentos, como que a abandonava. Não podia rezar – uma perturbação a tomava, quando queria buscar na oração o lenitivo a tanto sofrer. A própria leitura lhe era defesa e nem sequer encontrava um paliativo no trabalho, pois ficava como que impossibilitada para qualquer esforço ou preocupação.

Sentia um braseiro dentro da cabeça, e as idéias se lhe confundiam, sobrevindo-lhe as mais esquisitas tentações, inclusive a trágica sedução do suicídio, com que, muitas vezes, o espírito do mal lhe acenava, como um recurso fácil e à mão para por termo àquele longo e atroz suplício que a fazia definhar e perecer.

Quando lhe vinha uma pausa mais demorada no seu martírio, é ainda no recolhimento e na contemplação mental, após horas e horas de agitação, que encontrava algum alívio.

O silêncio é a minha paixão – escreve ao filho distante – Passei um dia feliz porque, além das obrigações que tenho cada dia, ainda me sobrou tempo para meditar. (16-6-1913).

Esse “espírito de silêncio” que São Bento tanto encômia a ponto de fazer dele todo um capítulo da “Regra”⁸, Crucina soube cultivá-lo, ao lado do espírito do trabalho, da caridade e da oração. Nos seus vinte anos derradeiros a vida se lhe partilha entre as horas silenciosas da dor incompreendida e da prece ardente e de todos os instantes, dedicando o resto do tempo que lhe sobra ao serviço do próximo, a que se dá sem restrições.

Sofre, mas ora sempre. É Deus o seu imã, o seu constante apelo, a bússola diretriz de sua existência atribulada: *Mesmo na maior aflição e contrariedade que às vezes parece que são mais que as minhas forças, no momento em que quero enfadar-me, levanto os meus tristes olhos para o céu e contemplo: Meu Deus! Isto não é nada, em comparação do que reservais para aqueles que sabem sofrer com santa paciência por amor de vós!* (Carta de 18-3-1913).

É esse o estilo habitual de suas cartas, escritas nos armistícios que lhe dava o morbo psíquico e cruel que a garroteou duramente por anos a fio. Valeu-lhe a crença, unicamente, nesses terríveis combates interiores desde que saia exausta e semi-anime, mas sempre alentada pelo seu profundo amor a Deus, de que fazia a sua própria razão de existir. E esse amor, fonte de apaziguamento interior, ela o soube cultivar mais que ninguém, abraçando todas as cruces que lhe vinham e, em meio das mais agras provações, abrindo-lhe o seu coração, como uma caçoula mística, na oblata do seu ser – com aquele abandono de que fala Massillon – “elle ne s’élève pas dans la sublimité de sés pensées; elle laisse parler son coeur, elle s’abandonne à toute sa tendresse devant l’object qu’elle aime uniquement”.⁹

VII – A CASA DE SÃO FRANCISCO

Nas fases de acalmia do mal atroz que, lento, lento, a foi consumindo, Crucina concentrava as suas energias no culto ardoroso de Deus e no amor desvelado do próximo. Sem reservas, pondo na sua dedicação zelo extraordinário, sacrificava ainda mais a sua saúde, já precária e o seu organismo, bastante debilitado. Nunca se poupou – jamais soube negar uma esmola ao necessitado, um socorro ao aflito, uma boa palavra, um conselho, uma visita amiga, ao enfermo, ao indigente, ao infortunado. Praticou a rigor aquela lei de caridade em que Ozanam, um século atrás, já via o “sacrifício de cada um em proveito

8 Cap. VI – *De Taciturnitate* – Règle, commenté par D. Paul Delatte.

9 Longe de elevar-se na sublimidade dos seus pensamentos, deixa falar o coração e entrega-se a toda sua ternura ante o único objeto do seu amor. *Sermons De M. Massillon Carême*, I, 414.

de todos”, e o meio único, necessário, imprescindível de “amortecer o choque” nessa “luta entre o poder do ouro e o poder do desespero”.¹⁰

Dos seus recursos parcos nunca limitou a quota destinada a aliviar os sofrimentos alheios e a sua casa, conforme ela mesma o dizia, converteu-se destarte numa “Casa de São Francisco” onde a pobreza e a desdita nunca se achegaram em vão.

Esgotou-se na sua extrema dedicação, no seu desejo constante de servir, e se, como do seu grande Modelo, o Amante da Pobreza, disse Gomes Teixeira “tinha ingenuidades e exageros”, bem se lhe pode aplicar o conceito do mui douto Reitor, “as suas ingenuidades eram flores de uma alma encantadora de poeta e seus exageros eram manifestações de uma alma ardente de apóstolo.”¹¹

O seu desvelo pelos sofredores não encontrou jamais restrições. Aqui, vê-la-emos cuidando de uma parenta e afilhada, a *Z que há tempo está sofrendo dos nervos, mas tão mal que tem acessos de loucura. Passou aqui mais de um mês a fim de distrair-se.* (Carta de 8-11-1910).

Ali, é uma pequena desvalida, que ela conseguira recolher ao Asilo, e que, adoecendo com uma febre cerebral, lha enviam para casa, onde fica por mais de vinte dias, presa duma logomania constante. *Há horas – diz Crucina – que tenho costume de estar só, rezando ou contemplando as obras de Deus, ou as misérias desta vida e a menina fica me atribulando, como uma alma de outro mundo.* (Carta de 14-4-1913).

Uma velhinha cega, criação da casa do seu pai, adoece de estranha enfermidade, que a todos infunde pavor: mandam-lha para casa, e Crucina trata-a, com rara dedicação, sem receio algum, de lá voltando a doente completamente restabelecida. Era essa, aliás, regra comum na família, constituindo-se Crucina, quando boa, a enfermeira dos parentes que adoeciam.

Não era, porém, só nesse particular que se lhe manifestava o espírito de caridade. Em sua mesa havia sempre o lugar para os necessitados e, diariamente, tinha os seus comensais, a alguns dos quais era enviado o prato de todas as refeições. Incomodava-me, e, por vezes, chegava a irritar-me, no meu egoísmo de criança, ver que ela, muitas vezes, nem se alimentava, ou ia servir-se por último, das viandas já frias e revolvidas, para despachar, primeiro, os seus “fregueses”, como costumava dizer. *O que nós damos aos pobres é uma restituição. O que nós fazemos aos que precisam, é uma compensação.* Como hoje me calam no espírito essas frases com que ela me acudia aos reparos, hoje que

10 Georges Goyau, *Ozanam*, p. 82.

11 F. Gomes Teixeira, *Apoteose de São Francisco de Assis*, p. 127.

vejo, com olhos de ver crescer e avolumar-se o problema trágico do pauperismo, para o qual não há senão ir-lhe ao encontro com essa prática da caridade cristã, única que pode salvar ainda a sociedade da ruína iminente!

Chegavam a abusar da sua desmedida bondade. Ela, entretanto, jamais se queixa e nunca uma frase de amargor lhe brotou dos lábios e da pena. Relata numa das suas letras ter ficado só em casa – todos haviam tomado parte numa romaria – e quando esperava poder passar o seu dia entregue à doçura da prece ou da meditação, lhe mandam os apetrechos para o almoço de F, que não pudera ir à festa. Isso, contado como um fato natural, a guisa de muitas outras amofinações diuturnas, que, quando muito, lhe inspiram este comentário: *Peço a Deus todos os dias a paciência de Santo Job.* (Carta de 3-3-1913).

A sua preocupação permanente pelo bem estar alheio, nunca lhe permitiu pensar em si. Vive para os outros. Despoja-se do necessário, para dar a quem precisa. O seu maior prazer é servir. E não é só a necessidade temporal que acode, solicita e carinhosa: tortura-a, mais ainda, a dor moral do próximo que busca minorar sempre que lhe é possível. O conselho, a boa palavra amiga, sobretudo a lembrança de Deus e da imortalidade, nos transe mais duros que lhe foi dado presenciar, eram o lenitivo com que acudia às vítimas da fatalidade e das frequentes tragédias humanas. Tinha sempre um carinho todo especial para os doentes, os pobres, os velhos e as crianças. A casa lhe vivia cheia deles. Deixava tudo para atendê-los.

Acompanhava-os até a porta, entretinha-se a ouvi-los, mantinha com eles longas palestras confortadoras. O seu maior tormento era não poder socorrer a uma pessoa que se valesse do seu amparo.

Quando morreu – ouvi a uma das protegidas, na própria câmara ardente, esta frase expressiva: “A pobreza perdeu uma grande mãe”. E não havia nisso exagero algum, porque Crucina compreendeu e praticou, durante o meio século que lhe foi dado passar neste “vale de lágrimas”, aquele preceito sublime do amor ao próximo, realizando, ao vivo, a verdadeira caridade, que, consoante o belo pensamento de Mr. Boulogne “não é o amor, porque este é muito apaixonado; não é o zelo, porque este é muito frágil; não é a amizade, porque é esta muito limitada; não é a compaixão, que é muito humana; mas sim, é a caridade, charitas”.¹²

12 *Sermões*, III, 205.

VIII – O ESPÍRITO DE PIEDADE

Muito de indústria é que se abordou por primeiro neste ensaio a manifestação do amor de Crucina pelo próximo, e só agora, neste capítulo subsequente, se dirá do seu espírito de piedade ou amor a Deus.

Não que seja aquele o que prima sobre este, mas se destarte se procede é em seguimento a mui sábia lição do discípulo dileto, glosada em uma expressiva página do grande mestre Bernardes: “Quem não ama a seu próximo, que está vendo, como pode amar a Deus, a quem não vê?”¹³

A nossa heroína essa amou bem a Deus, como ao próximo já vimos que amar. Soube cultivar a vida espiritual, que se esteia no verdadeiro conhecimento da religião e na integral beleza interior – que não consiste nessa devoção puramente externa, que a grande mística da dor, Elisabeth Leseur, denomina “esse corpo sem alma, a que se chama a *mulher praticante*.”¹⁴

E difundiu em torno de si, sobretudo no seu lar, esse espírito, essa unção de piedade, que a caracterizavam. Uma das impressões mais vivas que dela me ficaram é, certamente, a da “hora da reza”, da oração em comum, belo costume tão nosso, herdado dos nossos antepassados dos “engenhos” e dos solares de antanho e que hoje se acha quase esquecido pela vida frívola e dispersiva de nossos dias. Na “salinha de santo”, onde, junto ao oratório familiar, ardia a lamparina votiva, ela, rodeada de todos da casa, tirava as orações da noite, o terço, a via sacra, as novenas – conforme a quadra do ano – e muitas vezes cansada ou doente, não se poupava a esse esforço, que só deixou quando de todo lhe escassearam as energias.

Assim também, não descurou jamais, enquanto pode a frequência à Missa, que, durante muito tempo, ouvia quotidianamente.

O seu hábito era ir à Missa das Cinco do Colégio Salesiano, que lhe deixava tempo ainda para vir atender aos misteres da casa. E, na Missa, recebia sempre a Santa Comunhão, procurando participar desse bafejo eucarístico, que enforma e plasma toda a verdadeira vida cristã, e a cujo influxo, no dizer de um notável mestre de ascese, “as virtudes cristãs de desabrocham na alma como as flores ao sereno”.¹⁵

Nas cartas que escreve ao filho ausente, insiste e sempre na necessidade de praticar a piedade, desassombradamente, para poder ser

13 São João, IV, XX apud *Nova Floresta*, IV, 198.

14 *A vida espiritual*, 2. ed. bras., p.152.

15 Ribet, *L'ascétique chrétienne*, 476.

feliz: *Cumpra o teu dever de homem ilustre, como desejas ser, mas para isso não deixes nunca de cumprir o dever que o nosso Deus te manda, seguindo os seus santos mandamentos.* (Carta de 11-7-1911).

À força de bater nessa tecla ela mesma diz: *Você deve dizer que as minhas cartas mais parecem um sermão que carta, conforme você me dizia quando estávamos juntos (mamãe, chega de sermão), porém as boas palavras de uma mãe é que fazem a felicidade do filho.* (1909).

Pergunta seguidamente se o filho ouve a Missa, se faz a Páscoa, se pratica os deveres da fé. E não cessa de rezar por ele, sobretudo nos dias especialmente ligados a qualquer lembrança do ausente. Conta-lhe, em carta de 10-3-1910, que tinha saído da igreja, onde ouvira a *Missa em louvor ao seu santo protetor, São José* [O autor do Ensaio chama-se José], *pela sua intenção, para que ele faça você conhecer a carreira da sua vocação verdadeira, pedindo-lhe saúde e juízo, e que sigas sempre o bom caminho, que afaste de você como se afasta a peste, os maus companheiros.*

Encarece, constantemente, *opportune ac inopportune*, a necessidade de orar.

E, ela mesmo, dando o melhor exemplo, faz da sua vida contínua prece aliada a perene mortificação. Das suas cartas se poderia formar um mimoso ramallete de orações, tão espontâneas quão impressivas, por virem do fundo de uma alma sincera. Esta, por exemplo: *Todos os dias, no Santo Sacrifício da Missa, peço por você, dizendo: Meus Deus! Toda a minha confiança está em Vós. Nada sei pedir para meu filho ausente de mim, porém vós sabeis tudo quanto ele precisa melhor que eu, tomai conta dele como o melhor Pai que ama a seu filho.* (Carta de 9-12-1910)

Com que satisfação comunica a primeira comunhão do João, filho do segundo casal, ao irmão distante! [Das segundas núpcias de Maria de Cerqueira Caldas, mãe de José de Mesquita com Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, pai de Francisco de Aquino Corrêa, nasceu um filho de nome João] Nas menores ocorrências, como nas mais sérias, relatando cousas triviais da vida doméstica ou dissertando sobre assuntos relevantes o seu tom é sempre o mesmo, convergindo para o espírito de piedade, que lhe orienta a vida, as idéias como as ações: *Deus sabe o que faz e nós não sabemos nunca o que falamos. Deus é muito bom porque nunca erra. Tudo quanto vem de Deus nunca deve nos incomodar, porque como o melhor dos pais conhece todas as nossas necessidades.* (Carta de 30-11-11).

É a escola da “infância espiritual”, que celebrizou a linda Menina de Lisieux e em que viu Bento XV o verdadeiro caminho da perfeição. Crucina a compreendeu e a praticou sincera e nobremente na sua vida,

em que o sofrimento quase que empolga e absorve todo o tempo, ela ainda pode dizer, sem faltar à verdade: fui feliz, como são felizes todos os que amam a Deus nas próprias dores que Ele lhes manda. Aí a piedade verdadeira e fora da qual tudo não passa de encenamento, mistificação e puro engano.

IX – POESIA DO CORAÇÃO

Crucina sentiu e compreendeu mais do que ninguém, no meio dos sofrimentos que lhe ermaram a vida, essa poesia divina do coração, que é um como idioma natural e puro, desconhecido dos frívolos e superficiais que cultivam o verso artificioso e sem emocionalidade.

Poeta ela o foi, no seu íntimo extravasar de sentimentos, que através das cartas e das palestras lhe pude surpreender e fixar, e vale a pena insistir aqui sobre essa noção de que a poesia reside primária e essencialmente na sensibilidade e que poeta é quem mais sente e sofre, do que qualquer outro. Já assim o entendia o quinhentista quando professava não falar “dos poetas que fazem versos de vaidade e de chufas, dos quais ha hi tanto auondamento, que he fastidio; mas entendo os poetas verdadeiros, que sempre foram mays poucos que os fillosofos, e ha sua mente mays santa, e ho seu engenho mays chegado a Deos ca sua boca fallador de grandes cousas.”¹⁶

Essa poesia espontânea e natural, que vive mais do que todos os engenhosos recursos de uma arte ficta e insincera transluz através de toda a vida da nossa heroína. Respigar-lhe-ei, por entre a correspondência, tópicos indicativos do que aí vai asseverado.

A 23 de janeiro de 1910, assim transmite, numa carta, as suas impressões sobre uma serenata que, a dez horas, passa pela rua, enquanto ela vela, pensando no filho ausente: *Acordei alta noite, para amanhecer hoje, com uma serenata passando pela nossa porta, com um luar tão belo, que mais belo se pode encontrar só no céu... Mas tudo silencioso como a morte! Quando passa a música tão terna e tão triste, e na minha viva lembrança me veio a idéia de você tão longe de mim, oh! me aperta uma triste saudade que mais dormir não pude, com tão tristes recordações...*

Em outra epístola, já de 10 de dezembro de 1912, descreve, no seu virtuosismo sentimental, um tempestade: *O tempo muito feio e tristonho, ameaçando muita chuva, e de vez em quando ouve-se um trovão forte e vai se ouvindo mais brando até que desaparece bem longe. Quantas cousas me faz lembrar este momento! Fico tão triste talvez mais triste que o mesmo tempo... volto da sala de oração tão inquieta, tão*

¹⁶ Boosco deleytoso solitário apud *Textos arcaicos*, J.L.Vasconcellos.

consternada, e ao descer o primeiro degrau da varanda um fuzilo cor de ouro me circula a vista e me faz cobrir o rosto por um momento. Nesse instante lembrei-me de Nossa Senhora, com o doce título de Consoladora dos Aflitos... e olho para o tempo e desapareceu todo o barulho que tanto me impressionava e desapareceram também as apreensões da minha alma.

Uma outra carta, de 17 de fevereiro desse mesmo ano, é um modelo de delicadeza evocativa, lembrando a sua infância e a sua mocidade, *esse passado que parece sempre melhor e mais saudoso* e destarte relata as suas saudades: *sozinha, assentada na varanda com uma luz triste ao meu lado, leio e releio a tua carta, medito em ti, com as mãos trêmulas seguro a tua carta: uma tristeza mortal apodera-se de minha alma, a vista me escurece e num profundo silêncio me faz ouvir um zunido a meu lado e me parece dizer – isto não é nada, o tempo passa mais depressa do que se espera. Teu filho vem e terá outros anos bons junto dele.*

Longe fora se me propusesse a extrair desse rosal de ternura, que são as letras de Crucina, todo o favo dulcíssimo que destila. O *sino tão suave da Capela do Bom Despacho* sugere-lhe uma página deliciosa, ao despertar; a maioria do filho lhe proporciona outras laudas comovidas em que recorda *todas as tuas idades, desde o berço até hoje*; o dia da Auxiliadora lhe inspira um verdadeiro poema em prosa, à “Virgem incomparável” que *enquanto tudo vai desaparecendo no mundo, aqui estais sempre a escutar os que vos invocam.*

O seu coração se exauriu nessa combustão de amor e piedade, nessa poesia profundamente humana e cristã, que Celso Vieira lobrigou no Apóstolo de Iperoig, tal um “caso de orfismo brasileiro como idealidade, fascinação, harmonioso destino essencialmente católico”.¹⁷

A bucólica a atraía. Exalta-se ante a idéia, transmitida por uma pessoa amiga, de que o filho, em chegando dos estudos, pretendia adquirir uma fazenda, que lhe permitisse viver *mais perto de Deus e longe do bulício estéril do mundo.*

Onde se lhe observa, porém, mais vivo o manancial inexaurível de amor e de poesia, a jorrar em ondas perenes, é no seu zelo pelos filhos, cuja vida espiritual lhe inspira páginas das mais belas e veementes. Pode-se lhe aplicar, à justa, o que de Santa Mônica disse o seu grande filho Santo Agostinho: “Nutrierat filios, toties e os parturiens quoties a te deviare cernebat”.¹⁸

17 *Anchieta*, p. 52.

18 *Confissões*, IX, X, VI.

Na vida quotidiana, como nos arroubos da sua crença, respirava Crucina, essa vocação irresistível para a poesia, e amava a solidão e o silêncio, o recolhimento e a prece, a pureza moral do sacrifício, a beleza mística do sofrimento, que a fazia compreender e amar, cada vez mais, essa melancolia que é, no dizer do poeta “the true secret of live” – o segredo verdadeiro da vida.

X – O DESPERTAR NO CÉU

Aproxima-se do seu termo a peregrinação de Crucina por este deserto, para ela povoado apenas de urzes e de lágrimas. Várias tentativas fizera para conseguir melhoras na sua saúde precária e já muito abalada. De novembro de 1915 a janeiro de 1916 viajou, indo até o Rio, em companhia de uma das irmãs e do cunhado, a procura de recursos médicos que lhe minorassem os atrozes padecimentos. Nada, porém, conseguiu, voltando ainda mais alterada e presa de crises mais fortes. Em 1918, acompanhada por um sobrinho que lhe foi um verdadeiro filho, empreende nova excursão a São Paulo, demorando-se, no regresso, em Campo Grande, onde a cercam de carinhosa hospitalidade os parentes ali residentes. Parece desta vez ter obtido alguma atenuação nos seus males. Ilusória, porém, foi aquela trégua, a que deveria, em breve, seguir-se o desfecho irremediável. Além dos seus velhos incômodos nervosos, agravados dia-a-dia pela insônia cruel e pela completa inapetência a qualquer gênero de alimentação, lenta consumação a invadia, prostrando-lhe o físico e arrebatando-lhe as últimas resistências morais.

Por último, manifestou-se a febre, a insidiosa febre da héctica que, sob forma violenta, deveria consumir-lhe os derradeiros alentos. O médico chamado para vê-la declarou, sem rodeios, que o seu estado de penúria orgânica nada mais deixava esperar.

Foi num dia de ano bom – 1º de janeiro de 1922 – que fui avisado do estado desolador da pobre padecente. Para lá me transportei, logo após, encontrando à sua cabeceira a amiga fiel e enfermeira dedicada que haveria de ser a sua companheira dos últimos dias – a sua cunhada Daria. [Como assinalamos acima, José de Mesquita teve três tias paternas, uma delas de nome Daria] Durou ainda um mês o seu martírio. Crises de dispnéia se sucediam agora, nos intervalos dos quais a tosse cruel a maltratava impiedosamente. Não articulava uma queixa, uma recriminação e, quando podia fluir alguns momentos de calma, ainda rezava.

Era bem até ao fim aquela que dissera: *É verdade, meu Deus! Só aos vossos pés é que encontro alívio ao sofrimento. E o que será daqueles*

que não têm a crença verdadeira que tenho? (Carta de 17-8-1912). E, sofrendo, bem poderia repetir o que, anos atrás, escreverá: *se sofro alguma coisa levo em conta que mereço outra maior, por minhas imperfeições.* (Carta de 16-8-1913). Humildade e fé, robustas, que lhe permitiram adejar sobre o pantanal das dores e misérias humanas, humildade e fé que no dizer de M. Shaffer “são fortemente e intimamente unidas, pois onde existe vera humildade há uma alma crente e onde há sincera fé existe um coração humilde.”¹⁹

Crucina teve o último fogaço do seu imenso carinho, nas manifestações de ternura para com os netos, que Deus lhe permitiu ainda ver, sobretudo, o primeiro, por quem demonstrava extraordinário afeto.

Eram os derradeiros palpites desse coração que viveu de amor e morreu ainda amando – amor a Deus, amor ao próximo, amor aos seus queridos.

Nos dias que antecederam à sua partida da terra, tal era o seu estado de angústia ao se aproximar a noite, que pedia ao médico assistente um sedativo qualquer que, minorando-lhe o sofrimento, lhe permitisse dormir algumas horas. Evitava o clínico essa aplicação que sabia contra indicada, naquele estado de fraqueza em que ela se encontrava.

A sua capacidade de padecer, porém, como que se esgotara e, Crucina suplicava, entre lágrimas, o alívio desejado. Noite sim, noite não, fazia-se a injeção de Sedol, que abrandava as suas ânsias, proporcionando-lhe sono tranquilo. Assim foi que na noite de 1º de fevereiro – véspera da grande festa da Candelária – Crucina, sob a ação da narcose artificial, fechou os olhos para os não mais abrir. Antes, porém, de adormecer, deteve-se, em plena lucidez, a conversar com as pessoas que a cercavam na câmara. Sentindo a aproximação do sono, pôs-se a cantar, a surdina, a Ave Maria, que deveria ser assim o seu canto de cisne, o eco final da sua vida atribulada, o seu adeus ao mundo de que partia para sempre. Ainda aqui seguia nas pegadas do seu estuendo modelo, o Esposo da Pobreza, que viu desprender-se lhe a alma entre acordes de celeste harmonia...

Também o nosso grande músico, José Maurício, morreu entoando um hino a Virgem, a suprema inspiradora da arte e da piedade...

A noite foi muito quente e abafada. Pela madrugada, uma forte borrasca, acompanhada de formidáveis descargas elétricas caiu sobre a cidade, amanhecendo o dia 2, fresco e desanuviado.

¹⁹ *Miracoli di Gesù*, na trad. de Mons. Lari, 225.

Quando começou a clarear, ao tocar a missa das 5, a sua carinhosa enfermeira aproximou-se para vê-la, suspeitando de sono tão prolongado. Estava fria e inânime. Como Beethoven, o grande coração de artista e cultor da bondade, “morrera durante uma tempestade ao clarão de um relâmpago”.²⁰

O Senhor julgara bastante o seu longo martírio e lhe dera o repouso desejado. Crucina havia acabado a sua lenta e dolorosa purificação: – adormecerá na terra, para despertar no céu.

(Março a Junho MCMXXXV)

* JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA (Cuiabá - MT, 1892-1961). Bacharel em Ciências e Letras, pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá e em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito em São Paulo. Professor de Língua Portuguesa na Escola Normal e professor de Direito Constitucional, na Faculdade de Direito de Cuiabá. Exerceu atividades de destaque em seu Estado como o cargo de Procurador Geral, diretor da Secretaria do Governo e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, que presidiu de 1930 a 1940. Foi, ainda, Secretário-Geral do Território Federal de Guaporé, hoje Rondônia. Pertenceu a várias entidades e associações culturais, literárias, históricas e epistolares, destacando-se entre elas a Academia Mato-grossense de Letras, que fundou e presidiu no extenso período de 1921, ano de sua fundação, até o ano de 1961, sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, membro da Academia de Ciências e Letras de São Paulo e da Federação das Academias de Letras do Brasil, e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Genealógico Brasileiro e das Academias de Letras de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e do Pará. Foi também membro da Liga do Bom Jesus e da Conferência Vicentina Homônima, de Cuiabá, tendo presidido a ambas. No estrangeiro, pertenceu ao International Institut of American Ideals, de Los Angeles, foi Comendador do Gran Prix Humanitaires de Belgique, em Bruxelas, e sócio honorário do Instituto de Cultura Americana, na Argentina. Pela dedicação à ação católica recebeu do Papa Pio XI a Comenda da Ordem de São Silvestre, em 1933 e pelos serviços à Pátria foi condecorado pelo Ministro da Guerra com a medalha do Pacificador, em 1960. Bibliografia: *Poesias* (1919); *Elogio histórico ao Doutor Antônio Corrêa da Costa* (1921); *O catolicismo e a mulher* (1926); *Elogio fúnebre ao Doutor Caetano*

²⁰ Romain Roiland, *Vida de Beethoven*, trad. de José Lannes.

Manoel de Faria e Albuquerque (1926); *Terra do berço* (poesia, 1927); *A cavalhada* (contos, 1928); *Um paladino do nacionalismo: Couto de Magalhães* (1930); *Semeadoras do futuro* (discurso, 1930); *Da epopéia mato-grossense* (poesia, 1930); *O taumaturgo do sertão* (biografia de Frei José Maria Macerata, 1931); *Atentado contra a Justiça* (tese de direito, 1932); *Espelho de almas* (contos - premiado pela Academia Brasileira de Letras - 1932); *João Poupino Caldas* (ensaio, 1934) *O sentido da literatura mato-grossense* (conferência, 1937); *Pela boa causa* (conferência, 1937); *Piedade* (romance, 1937); *Manoel Alves Ribeiro* (biografia, 1938); *O sentimento de brasilidade na história de Mato Grosso* (discurso, 1939); *De Livia a Dona Carmo (mulheres na obra de Machado de Assis)* (ensaio, 1939); *Professoras novas para um mundo novo* (discurso, 1940); *A Chapada Cuiabana* (tese geográfica, 1940); *Nos jardins de São João Bosco* (discurso sobre a obra Salesiana, 1941); *O Exército, fator de brasilidade* (discurso, 1941); *A Academia Mato-grossense de Letras* (notícia histórica) (1941); *Três poemas da saudade* (poesia, 1943); *Bibliografia mato-grossense* (1944); *Escada de Jacó* (poesia, 1945); *Roteiro da felicidade* (poesia, 1946); *No tempo da cadeirinha* (contos, 1946); *Os poemas do Guaporé* (poesia, 1949); *Imagem de Jaci* (romance inédito, 1958) e *Gente e coisas de antanho* (obra póstuma, 1978) Fonte: NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso* (séculos XIX e XX), (2002)

REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA VIRTUAL. *Biblioteca virtual José de Mesquita (biografia)*. Disponível em http://www.jmesquita.brtdata.com.br/2004_Biografia.pdf. Acesso nos anos 2010 e 2011.
- MESQUITA, José de. Crucina (Ensaio sobre a mística do sofrimento). In: *A Cruz*. Órgão da Liga Social Católica Brasileira de Mato Grosso, depois outros subtítulos. Cuiabá, n.1174, 17 mar. 1935, p. 3; n. 1175, 24 mar. 1935, p. 2; n. 1177, 7 abr. 1935, p. 3; n.1179, 21 abr. 1935, p. 2; n. 1180, 28 abr. 1935, p. 2; n. 1181, 5 maio 1935, p. 2; n. 1185, 9 jun. 1935, p. 2; n. 1186, 16 jun. 1935, p. 2; n.1187, 23 jun. 1935, p. 2; n. 1188, 30 jun. 1935, p. 2; n. 1189, 7 jul. 1935, p. 2.
- _____. Sublimação (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1064, 22 jan. 1933. p. 2-3.
- _____. O assalto (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1084, 11 jun. 1933. p. 3.
- _____. Os paredistas (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1090, 23 jul. 1933. p. 2.

- _____. O poder da prece (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1094, 20 ago. 1933, p. 2.
- _____. O pântano (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1101, 8 out. 1933. p. 2.
- _____. No país das sombras (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1108, 26 nov. 1933. p. 2.
- _____. Noites de encantos (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1114, 7 jan. 1934. p. 2.
- _____. Vida rústica (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1159, 25 nov. 1934. p. 2.
- _____. Dar e receber (Capítulo da novela cuiabana *Graça*). In: _____. Cuiabá, n. 1324, 20 fev. 1938. p. 2-3.
- _____. O modelador de almas (Capítulo do romance inédito *Graça*). In: _____. Cuiabá, n. 1397, 16 jul. 1939. p.2.
- _____. Standardização (Capítulo da novela inédita *Graça*). In: _____. Cuiabá, n. 1401, 13 ago. 1939. p. 2-3.
- _____. Variações sobre a vida (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1474, 19 jan. 1941. p. 2.
- _____. Amparo (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1513, 9 nov. 1941. p. 2.
- _____. Confiança (Capítulo de um romance em preparo). In: _____. Cuiabá, n. 1539, 2 ago. 1942. p. 2.
- _____. Claridade (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1542, 23 ago. 1942. p. 2.
- _____. Conversa ao pé do rádio (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1546, 20 set. 1942. p. 2.
- _____. O suave colóquio (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1557, 6 dez. 1942. p. 2.
- _____. Encruzilhada (Trecho de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1567, 14 fev. 1943. p. 2.
- _____. A tese do sofrimento (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1654, 26 nov. 1944. p. 2.
- _____. Fé imperativa (Capítulo de novela). In: _____. Cuiabá, n. 1901, 22 jan. 1950. p. 4.
- _____. Corá (Conto regional). In: *Revista Nova*. São Paulo, 1932.
- _____. *A cavalhada*. Cuiabá: Oficina das Escolas Profissionais Salesianas, 1928.
- _____. *Espelho de almas* (Contos). Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1932. (Prêmio da Academia Brasileira de Letras).
- _____. *Piedade* (Romance). Cuiabá: Gráfica das Escolas Profissionais Salesianas, 1937.

_____. *Escada de Jacó* (Sonetos). Cuiabá: Escola Industrial Salesiana, 1945.

_____. *No tempo da cadeirinha* (Contos). Curitiba: Guaíra, 1946.

_____. *Genealogia matogrossense*. Cuiabá: AML/IHGMT/FIEMT; São Paulo: Resenha Tributária, 1992. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

_____. De Livia a dona Carmo. As mulheres na obra de Machado de Assis. In: NADAF, Yasmin Jamil (Org.). *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lidador, 2006. p.81-96.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso* (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

_____. Os livros da estante de José de Mesquita. In: *Estudos literários em livros, jornais e revistas. Ensaios*. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. p.33-63.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

